

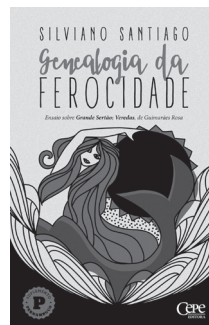
CAMINHOS E DESCAMINHOS DE SANTIAGO

Cristhiano Aguiar

Escritor, crítico literário e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie
Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

NA LEITURA DAS ORELHAS DO NOVO LIVRO DO ESCRITOR E CRÍTICO literário Silviano Santiago, *Genealogia da ferocidade*, encontramos contundentes promessas. Lançado em 2017 pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), inaugurando uma bem-vinda coleção de ensaios do Suplemento Pernambuco, *Genealogia da ferocidade* é anunciado como sendo “uma das mais ousadas e originais leituras que a obra-prima rosiana atingiu até agora”. Além disso, o livro, ainda segundo o paratexto, nos ajudaria a compreender “a força que têm Rosa e Santiago de afrontar a tradição cultural e literária nacional em seu arremedo eurocêntrico de proposta civilizatória da barbárie, de que tem sido exemplo *Os Sertões*”. Diante disso e da minha própria admiração por Silviano Santiago, um dos críticos brasileiros que leio com mais afinco, a inevitável pergunta é: são correspondidas todas essas expectativas? Após a leitura do livro, concluo que somente parte do potencial do ensaio de Santiago foi cumprido. Nos parágrafos seguintes, quero problematizar o porquê.

Voltemos ao paratexto. Primeiro, a “tradição cultural literária nacional”, supondo sabermos exatamente o que a orelha do livro deseja exprimir com essa ideia, não pode ser considerada



SANTIAGO,
Silviano. *Genealogia da
ferocidade*. Recife: Cepe,
2017.

plenamente um “arremedo eurocêntrico civilizatório”. Para cada Coelho Neto e Humberto de Campos que tivemos em nosso cânone, estamos lendo hoje em dia com muito mais vigor nossos Limas Barretos, Marias Carolinas de Jesus, Robertos Pivas. Claro, o campo de disputa social e política no sistema literário brasileiro é intenso, com muitas forças e vertentes em franca tensão, mas não é possível afirmar que todo ele se reduza a uma definição como a reproduzida no parágrafo anterior. Por fim, mesmo com todos os seus sempre apontados defeitos, há um espaço de liberdade de pensamento possível hoje na universidade brasileira. E se podemos concordar com a existência de uma base positivista e excessivamente racionalizante presente n’*Os Sertões*, certamente há, por outro lado, no próprio livro de Euclides da Cunha, uma perspectiva a contradizer essa mesma base. Tal estado de contínua contradição alimenta a peculiar linguagem de Euclides, como já foi apontado pela crítica nos últimos anos.

IRASCIBILIDADE E FEROCIDADE

Saliento o paratexto de *Genealogia da ferocidade* porque acredito que ele ecoa um certo *páthos* que leva Santiago a alguns exageros. Tal reducionismo se encontra nos modos de definição, buscados por Santiago, da especificidade do romance de Guimarães Rosa. Com toda razão, *Genealogia da ferocidade* chama *Grande Sertão: veredas* de “monstro”. Mas no que consiste a sua monstruosidade? Falta um maior mergulho nos fundamentos do monstro. Ficamos na expectativa, ao longo das suas 117 páginas, pelo grande mergulho analítico sobre o romance; ao longo do caminho da nossa leitura, encontramos inteligentes e, como já afirmei, instigantes intuições, apresentadas com a sinuosidade das veredas rosianas – e só.

Além do mais, um segundo reducionismo diz respeito ao modo apressado como Silviano Santiago analisa o percurso de recepção do romance, do seu lançamento em 1956 até os dias de hoje. Para exaltar o monstro, há uma desconexão da obra com o seu lugar no contexto literário hispano-americano da primeira metade do século XX, assim como com a sua posição na própria história da literatura brasileira até aquele momento. Tudo isso acontece porque se percebe uma indecisão naquilo que *Genealogia da ferocidade* precisa ser. O livro seria uma luta aguerrida com a tradição crítica que leu, no Brasil, *Grande Sertão: veredas*, ou uma introdução geral ao romance? Posicionado nessa encruzilhada, falta a

Genealogia da ferocidade o passo final para dar conta com eficiência tanto de uma perspectiva quanto da outra.

Apesar dessas ressalvas, às quais voltarei, o livro de Santiago possui muitas qualidades. Uma primeira, digna de nota, é uma velha conhecida dos seus habituais leitores: a verve irônica com a qual desenvolve seus argumentos. Embora, aqui e ali, haja raciocínios demasiadamente oblíquos, o estilo de Santiago brilha e se mostra condizente com sua própria perspectiva crítica e seus fundamentos teóricos. Como não se deliciar com um trecho como este, a propósito da possível vocação domesticadora da crítica literária brasileira: “Confrontem o rosto da obra e o rosto do crítico! Cliquem! Na foto clicada, reparem bem, o cachorrinho domesticado no colo do seu dono! [...] Os dois se entregam acasalados e felizes a quem tem a curiosidade de querer conhecer a ambos na intimidade”.

No tocante à sua análise do romance, Santiago elege três categorias de leitura. São elas o *wilderness*, a *irascibilidade* e a *ferocidade*. A partir delas, ele empreende uma boa visão global de *Grande Sertão: veredas* e impregna sua leitura com a empolgação predatória das onças iauaretês, energizando a sua escrita crítica. O *wilderness*, grafado sempre assim, em inglês, é não somente o arcaico das estruturas sociais encontráveis e metaforizadas no romance, nem tampouco apenas a representação da natureza. Esse “ermo”, essa “vida selvagem”, a constituir *Grande Sertão: veredas*, seria principalmente uma zona de indefinição, de não nomeação, entre os polos do mito, da palavra racional, da civilização e da selvageria. Para Silviano Santiago, entender *Grande Sertão: veredas* implica entender que o livro todo se estrutura nos avessos da linguagem, da brutalidade inerente ao mundo natural, da indiferença desse mesmo mundo às necessidades humanas. A obra rosiana seria *wilderness* porque atua como poética dos avessos, como uma poética da promiscuidade entre humanidade e fera. A linguagem de Rosa, por conseguinte, seria esse campo de possibilidades no *wilderness*.

Dessa perspectiva, *Genealogia da ferocidade* deduz as categorias seguintes, que tentam pensar a trajetória dos personagens do romance, as suas metáforas políticas, suas representações espaciais. Para Santiago, o romance oscila entre revelar nas relações sociais e no próprio espaço a irascibilidade, definida como “uma força disciplinar exercida pelo chefe que deseja ordenar o anárquico, pôr ordem na *wilderness*” (p. 45), ou a ferocidade, ou seja, o momento no qual os seres humanos no romance são intoxicados



Falta um maior mergulho nos fundamentos do monstro. Ficamos na expectativa, ao longo das suas 117 páginas, pelo grande mergulho analítico sobre o romance; ao longo do caminho da nossa leitura, encontramos inteligentes e, como já afirmei, instigantes intuições, apresentadas com a sinuosidade das veredas rosianas – e só

pela *wilderness*, como acontece, entre outros personagens, com Riobaldo. Segundo o autor, são exatamente essas três características que nutrem a monstruosidade do romance, o que impediria a plena apreensão de *Grande Sertão: veredas* por qualquer gesto crítico e sistematizador. Como foi apontado antes, são perspectivas instigantes de leitura do romance, e reitero o quanto sinto falta de um maior aprofundamento de exemplos para testá-las, em especial no caso de episódios complexos como o do julgamento de Zé Bebelô, por exemplo.

DOMESTICAÇÃO

Segundo Santiago, a selvageria contida no *Grande Sertão: veredas* levou a crítica literária brasileira a constantemente “domesticar” o romance. A ideia de domesticação em si é fascinante e apropriada para entender a trajetória da sistematização crítica e histórica da literatura brasileira. Basta olhar um livro didático, ou um material para cursinhos pré-vestibulares, a fim de encontrar indícios da domesticação geral da nossa própria literatura entre nós. O grande vetor de domesticação literária, e nisso concordo

com Silviano Santiago, consiste em articular toda a nossa produção como uma grande imagem da busca pelo nacional. Para o crítico mineiro, essa foi uma das ferramentas da constante tentativa de domesticação da obra-prima de Guimarães Rosa: “as leituras do *Grande Sertão: veredas* feitas pelos críticos mais inteligentes e mais imaginosos se apresentam também – ao possível leitor desconstrutor dos nossos dias – como exercícios de antropomorfização, como exercícios de *domesticação* [grifo do autor] pelo homem da *wilderness* que existe no monstro literário” (p. 33).

Porém, uma coisa é denunciar a domesticação da literatura brasileira; outra, bem diferente, é confundir o próprio ato crítico com uma domesticação. Quando aponta a provável “domesticação” de *Grande Sertão: veredas*, Silviano Santiago mira a sua crítica nas supostas leituras redutoras, porém acaba *reduzindo*, involuntariamente, a própria ideia, em si, de *crítica literária* a uma matriz domesticadora. Cabe, contudo, quase em estado de crise, indagar: mas será que os efeitos colaterais da crítica não são maiores do que os seus benefícios? É justo empalhar o selvagem bicho literário, fatiá-lo em tantas e tantas vivissecções analíticas? Sim, toda crítica literária estabelece para si mesma um marco teórico e um método, cujos efeitos colaterais são o congelamento de parte da vivacidade do literário. No entanto, se todo gesto crítico reduz conceitualmente seu objeto, todo *relevante* gesto crítico pode e deve abrir as veredas da sua leitura e circulação. Sim, a crítica sistematiza a brutalidade e selvageria de toda grande literatura; mas, de maneira simultânea, a fecunda e é pela própria literatura fecundada. Esse é o dialogismo necessário a justificar a função social da crítica.

Genealogia da ferocidade não me convence de que, até o presente momento, *Grande Sertão: veredas* foi sempre domesticado pela crítica brasileira. Os exemplos dados são muito poucos, basicamente as ideias de Antonio Candido, dos concretistas, de Roberto Schwarz, de Cavalcanti Proença. De 1956 até o presente momento, é só isso que temos? As leituras de Walnice Nogueira Galvão, Lourival Holanda, Luiz Roncari, Ligia Chiapini, Regina Zilberman, Karina Bernan Rocha, Eduardo F. Coutinho e Benedito Nunes, com seu excepcional *A rosa o que é de rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*, podem todas ser consideradas domesticadoras do *wilderness* rosiano? No seu afã de valorização da obra rosiana, não estaria embutido, outra vez involuntariamente, um elogio de *Genealogia da ferocidade* a si mesmo, um autoelogio? Entre os textos críticos citados por *Genealogia da*

ferocidade, o foco maior é no de Candido, composto na década de 1950! Trata-se do ensaio “O homem dos avessos”, que relaciona, de forma breve, *Os Sertões* com *Grande Sertão: veredas*; na minha leitura, o professor da USP o faz não para “nacionalizar” o Sertão de Rosa, domesticando-o, como o quer Santiago, mas para simplesmente situar melhor, para o leitor do seu ensaio, um livro então recém-lançado (e Rosa não era indiferente a Euclides da Cunha, afinal de contas).

Do mesmo modo, quando Roberto Schwarz é citado, Santiago o critica pela leitura comparada que o também professor da USP faz entre Guimarães Rosa com a obra de Thomas Mann. Haveria mesmo, como quer Santiago, uma domesticação “europeizante” na leitura de Schwarz? Tenho dúvidas, e *Genealogia de ferocidade* não detalha as ideias de Schwarz de modo suficiente para que eu próprio esteja convencido do ponto de chegada de Santiago. Para além da hipótese domesticadora não ficar plenamente fundamentada, a ausência de diálogo maior com uma fortuna crítica mais ampla também se faz sentir nas afirmações sobre a sintaxe de Guimarães Rosa. Segundo Silviano Santiago, a pontuação no romance é aleatória,

“

Não obstante Silviano Santiago tenha se deixado enredar em algumas idiossincrasias, quem sabe traído pelo monstro a quem tentou também domar e canibalizar, *Genealogia da ferocidade* é uma leitura instigante, que me deixou dias a fio pensando sobre suas ideias provocadoras. Além disso, me obrigou de imediato a retomar *Grande Sertão: veredas*

semelhante às técnicas de pintura de um Pollock, por exemplo. No entanto, é possível afirmar isso categoricamente? Estudos sobre o *Grande Sertão*, inclusive com o suporte teórico da linguística, apontam para outras direções.

Silviano Santiago acerta ao mostrar o quanto *Grande Sertão: veredas* é o oposto da “nostalgia cool” da bossa nova, bem como do nacionalismo e desenvolvimentismo do Brasil dos “cinquenta anos em cinco”. Também reconstrói com eficiência o incômodo, no sistema literário brasileiro, da chegada de um forasteiro ou-sando publicar uma obra-prima absoluta. Mas exagera ao afirmar que, até a chegada de *Grande Sertão: veredas*, tínhamos apenas um “trenzinho caipira da literatura brasileira” (p. 24), marcado por “modestos, sofridos e lacrimosos” (p. 20) anos. Essa poderia ser uma boa descrição para a chegada de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (livro que é, também, a seu modo, um monstro) no século XIX brasileiro. Mas será que a literatura brasileira anterior a *Grande Sertão: veredas* é tão medíocre assim? Até 1956, já temos *A rosa do povo*, de Drummond, *A invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, *O cão sem plumas* e *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, *Fogo morto*, de José Lins do Rego, e toda a obra principal de Graciliano Ramos já publicada. Posso concordar com a ideia de que *Grande Sertão: veredas* ultrapassa em excelência todas essas obras anteriores, mas enquanto ponto fora da curva de uma média já digna de atenção. Também há um exagero na afirmação de que Rosa “está à frente do seu tempo nas literaturas da América Latina”, quando já temos, em 1956, Juan Rulfo, Jorge Luis Borges, Juan Carlos Onetti e Alejo Carpentier, entre outros escritores, repensando os rumos literários do continente.

Nem a mais ousada de todas as reflexões sobre Guimarães Rosa, nem a mais desconstrutora leitura da nossa tradição crítica. Não obstante Silviano Santiago tenha se deixado enredar em algumas idiossincrasias, quem sabe traído pelo monstro a quem tentou também domar e canibalizar, *Genealogia da ferocidade* é uma leitura instigante, que me deixou dias a fio pensando sobre suas ideias provocadoras. Além disso, me obrigou de imediato a retomar *Grande Sertão: veredas*. Creio, assim, que duas funções fundamentais da crítica literária foram cumpridas pelo livro: o convite ao debate; a releitura da obra literária problematizada pelo gesto crítico.